
CONTRIBUIÇÕES DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS A PARTIR DE TRABALHOS COM ARTES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS.

Lívia Maria Serafim Duarte
Graduanda Pedagogia/ UEPB
serafimlivia@hotmail.com
Elyziane Rhaquel Araújo Moraes
Graduanda Pedagogia/ UEPB
elyziane@yahoo.com.br
Profª Drª Lígia Pereira dos Santos
Orientadora/UEPB
ligia.ceduc@ig.com.br

Introdução

Este trabalho vêm mostrar como as inteligências múltiplas são estimuladas, a partir da observação do trabalho de mães e professoras com artes na APAE – Campina Grande. A proposta desta pesquisa é refletir e analisar as práticas educacionais desses docentes embasando-se embasando-se nos estudos de Howard Gardner, em documentos legais sobre inclusão e em textos de educação inclusiva. Dessa forma o trabalho com artes na APAE torna-se ferramenta indispensável dentro do processo de inclusão e faz com que os alunos/as se tornem capazes de superar limites e desenvolver suas habilidades, frente ao mundo de hoje.

O caminho da pesquisa

As investigações sobre a inteligência são variadas e antigas. Sócrates e outros filósofos gregos da antiguidade examinaram questões fundamentais sobre a hereditariedade da inteligência, a classificação de pessoas por sua inteligência (sabedoria), o papel dos sentidos e a ideia de que o conhecimento poderia ser inato. No século XIX, teorias exploravam a natureza material do corpo, para estabelecer o funcionamento da mente. Já no início do século XX, foi desenvolvido o teste de inteligência mais conhecido, como QI. No final do século passado, Gardner apresenta uma forma de compreender a inteligência, propondo as chamadas inteligências múltiplas.

O presente trabalho traz resultados parciais de um Projeto em andamento do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campina Grande, em

parceria com a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE em Campina Grande-PB. Assim, a arte torna-se ferramenta indispensável no processo de inclusão, não apenas fazendo parte de um currículo, mas investigando o desenvolvimento da pessoa com deficiência através do exercício de suas potencialidades, em seus processos de criação, integração e socialização com as pessoas com ou sem deficiência na utilização de materiais e cooperação nas oficinas de artes. Neste sentido, investigamos as contribuições das múltiplas inteligências no exercício docente de professoras da APAE descrevendo como se configuram as aulas de artes. A análise ocorre no âmbito das práticas educacionais destes/destas profissionais. Assim, vislumbra-se o desejo de que à luz das teorias de gênero na formação de professores e professoras e a prática da inclusão educacional, seja possível, ampliando as condições e oportunidade para exercício da cidadania pró-inclusão social.

Durante toda a história da humanidade, tentou-se desenvolver concepções em torno da inteligência, mas observa-se que estes conceitos podem variar entre pessoas, culturas ou entre feitos sobre o assunto. Para se ter uma compreensão das visões sobre a inteligência precisa-se analisar não somente as teorias, mas também as suas variações conceituais em cada cultura. Segundo Gardner (1998, p. 20)

Os povos tradicionais podem admitir a alfabetização, mas eles geralmente não definem a inteligência em torno de habilidades de ler e escrever. Em vez disso, (...), uma capacidade de lidar sabiamente com os outros é em geral considerada como um sinal de inteligência entre as culturas tradicionais.

Nas histórias das investigações científicas sobre a inteligência, constata-se que desde a antiguidade grega já existiam questionamentos sobre a natureza da inteligência. Sócrates e os antigos filósofos gregos foram os primeiros a elaborarem métodos sistemáticos de análise e a formularem uma visão sobre o que seja a inteligência, o saber e o raciocínio abstrato, na linguagem e na matemática.

Cerca de vinte séculos após Sócrates, outros estudiosos começaram a explorar algumas perguntas anteriores formuladas pelos gregos. Descartes, um filósofo racionalista, do século XVII, afirmava que seres humanos possuíam um conhecimento inato; em seu pensamento dualista, argumentava também que a mente e o corpo eram separados. Em contrapartida, Locke (empiricista), argumentava que não se nasce com o conhecimento; ele é adquirido através de experiências sensoriais do mundo e da capacidade de refletir sobre operações mentais.

Cientista do século XIX, como Domderes, Holmhitz e Broca, descobriram relações entre os sentidos e o sistema nervoso como também, entre o cérebro e as habilidades humanas, enquanto produção e compreensão da linguagem. A Teoria da Evolução de Darwin causou um poderoso impacto sobre os estudos eugênicos, que de forma equivocada, desenvolveu estudos sobre o assunto, associando a inteligência ao tamanho da cabeça. (GARDNER, 1998, p. 70)

No início do século XX, não existia forma de qualificar a inteligência, sendo possível através de Binet, por criar a primeira escala do desenvolvimento infantil. Dando continuidade ao seu trabalho, associou-se a Simon, construindo um conceito de idade mental. O psicólogo norte-americano Termam construiu o instrumento de mensuração de QI (Quociente de Inteligência), propondo sistematizar a qualificação da inteligência, através de uma relação entre idade mental e a idade cronológica (idade mental/ idade cronológica x 100) . Binet e Termem criaram o teste de QI, o sucesso deste teste, só se tornou evidente nos Estados Unidos na 1ª Guerra Mundial, quando foi usado para selecionar recrutas.

Em 1981, Stenberg (ARANHA, 2002. Sp.) propôs uma teoria sobre a inteligência, classificando-a como analítica, sintética e prática. No final do século XX, Ramos e Gardner apresentam uma visão diferente da de Binet, que é conhecida como a das Inteligências Múltiplas. Ele rejeitaram a classificação de pessoas em números, passando a buscar alternativas para analisar a inteligência, partindo do ponto de vista histórico, cultural e social.

Na elaboração de sua teoria Gardner, primeiramente observou as pessoas superdotadas e em seguida foram analisadas também pessoas com lesão cerebral. Ao reunir uma grande quantidade de informações sobre o estudo da inteligência, classificou-a em oito tipos que são: inteligência lingüística, lógico matemática, viso-espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista.

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, os estudos histórico, culturais e sociais impulsionaram o debate sobre as identidades, o currículo como formador de identidades e a escola como instituição com responsabilidade social de atender a todos e todas crianças e jovens do país. Neste contexto, ampliaram-se as discussões sobre o atendimento escolar a pessoas com deficiência, isto é, a educação inclusiva passou a ocupar posição de destaque no cenário do processo de escolarização. Tendo em vista que os contextos educacionais inclusivos visam um pleno desenvolvimento humano como está

previsto na Constituição Federal (Art. 205). Mantoan destaca: “As crianças e adolescentes com deficiência não precisam e não devem estar fora das turmas comuns das escolas de ensino regular de Educação Infantil e de Ensino Fundamental e Médio, freqüentando classes e escolas especiais.” (MANTOAN, 2007. p. 46)

Devemos buscar novas práticas de ensino que proporcionará benefícios escolares para que os alunos/as possam alcançar o mais elevados níveis de aprendizagem, sugundo a habilidade de cada um, como está garantido na Legislação Brasileira.

A partir dos estudos históricos e teóricos e legais sobre a inteligência buscamos refletir sobre o trabalho de mães e professoras com arte na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) em Campina Grande, partindo da perspectiva das Inteligencias Multiplas de Howard Gardner.

Este projeto de pesquisa busca entender de que forma o estímulo para arte relacionada com o potencial (inteligência) de cada aluno pode promover a valorização a superação dos rótulos sociais, quebrando os paradigmas de que pessoas com deficiência são improdutivas, que necessita tão somente da família e do Estado para viver em pleno desenvolvimento.

Em prévias entrevistas e observações, constatamos que o estímulo para a arte está propiciando aos alunos, familiares e professoras uma troca de experiência, deixando nítido que ter deficiência, não atrapalha o conhecer a si mesmo, a está ligado ao próximo e superar seus limites e autonomia.

Ser professor, nessa nova concepção, é pensar e agir inclusão. É integrar e valorizar todos os seus alunos, e não apenas aqueles que se destacam social, afetiva ou cognitivamente, postura que deve ser amplamente apoiada pela escola. A Educação Inclusiva não pretende a correção do sujeito e sim a manifestação de suas potencialidades.

A arte possibilita ao ser humano ampliar o conhecimento acerca de si mesmo e o leva a perceber-se como ser social, presente no contexto da sociedade em que vive e comprometido com as mudanças rumo a uma melhor qualidade de vida para todos, ou seja, o leva a exercer a verdadeira cidadania. (BAPTISTA e BERTOLETTI, 2002. p. 132)

De acordo com a fala da coordenadora e professora de dança da APAE, também mãe de pessoa com deficiência, trabalhar artes com seus/suas alunos/as é uma ponte para a inclusão, sua intenção é mostrar para a sociedade que PcD (pessoas com deficiência) tem inteligências multiplas para desenvolver sua criatividade. Isso traz benefícios como a independência e a autonomia.

A segunda professora entrevistada coordenadora e ministranda das oficinas de artes da APAE falou que seus alunos/as possuem habilidades variadas e que de acordo com a habilidade de cada um/uma é que se desenvolve o trabalho. Segundo a professores os/as alunos/as expressam através das artes seus valores, sentimentos, emoções... e há uma troca de experiência entre professor/ra e aluno/a, que traz satisfação para ambos.

Nas oficinas de artes todos/as os/as alunos/as desempenham um papel importante cada um/uma trabalhando sua potencialidade.. Esses/Essas alunos/as se sentem realizados em participar e produzir nas aulas de artes.

A partir dos relatos das professoras podemos identificar uma experiência de aprendizagem mediada baseada na teoria de Reuven Feuerstein que segundo Turra (2007):

A Experiência de Aprendizagem Mediada envolve um conjunto de princípios educativos capazes de promover em cada participante do processo a capacidade de reorganizar suas funções cognitivas, de desenvolver novos recursos de linguagem, de potencializar áreas cognitivas, possibilitando, aos mesmos, o desenvolvimento da capacidade de operacionalizar com várias fontes de informação e redimensionar formas de convívio social, afetivo e cultural. (TURRA, 2007. p. 307)

Constatando que o trabalho com artes para pessoas com deficiência não tem só potencializado suas funções sociais, mas também todas as suas funções superiores, de convívio social, político, afetivo e cultural.

Assim como algumas professoras e mães foram entrevistadas os próprios alunos que participam das oficina de artes foram consultados sobre os seus sentimentos e ações em relação ao estímulo e aos trabalhos com artes na APAE. Ambos foram unânimes em resaltar que o estímulo de suas potencialidades para arte tem os ajudado a serem reconhecidos como agentes atuantes na sociedade e transformadores de suas condições pessoais e sociais. Também destacaram que é de fundamental importância a participação e influência da família e da instituição no qual participam.

Considerações finais

É necessário trabalhar todas as capacidades do ser. A estimulação das inteligências em aulas de artes ajuda os/as alunos/as a se sentiram incluídos na sociedade, além de promover entre os/as professores/as satisfação de vê seu trabalho desenvolvido. Os alunos/as

desenvolvem suas potencialidades e se sentem pessoas transformadas e transformadoras de sua vida dentro de seus limites.

Em suma, pretende-se que professores/as trabalhem com a inclusão educacional, ampliando as condições e oportunidade para os/as alunos/as com deficiência, tornando-os indivíduos capazes de agir independentemente de situações específicas e isso faz com que saibam agir sobre várias situações que possa encontrar.

Referências Bibliográficas:

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Projeto Escola Viva: garantindo o acesso de todos os alunos na escola - Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2002.

BAPTISTA, Neusa Maria Gomide e BERTOLETTI, Patrícia. *Educação Inclusiva e Artes*. **Tuiuti: Ciência e Cultura**. Curitiba. Nº 28, FICHA 04, p. 127 – 135, mar, 2002. **Disponível em:** <http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/FCHLA/FCHLA%2028/PDF/art%206.pdf>
Acesso em: 10 de agosto de 2010.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luíza de Marillac P. e MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Aspectos legais e orientação pedagógica**. São Paulo, SP: MEC/SEESP, 2007.

GARDNER, Howard; KORNHABER, Mindy L. e WAKE, Warren K. **Inteligências: múltiplas perspectivas**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TURRA, Neide Catarina. *Reuven Feuerstein: Experiência de aprendizagem mediada: Um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural*. **Educere et educare: Revista de educação**. São Paulo. v. 2, nº 4, p. 297-310, jul/dez, 2007.

Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1671>.
Acesso em: 20 de setembro de 2010.